

O ENSINO DA DIFERENÇA SEXUAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dr. Rogério Goulart da Silva¹
Dr^a Maria Regina Ferreira da Costa²

Objetivamos aqui contribuir nas análises e discussões das diferenças do gênero feminino e masculino produzidas culturalmente. Uma vez que a Educação Física escolar assenta-se no ensino dos esportes, e este fenômeno é regido pela ordem patriarcal, é pouco provável que haja mudança significativa na maneira como as pessoas concebem o esporte e sua relação com o masculino e feminino. Na escola, no entanto, conforme necessidades educativas relativas às políticas de inclusão, aventa-se possibilidades de novos espaços nas aulas de Educação Física. Entretanto, isso dependerá muito da forma como as/os docentes entendem as relações de gênero e de diferença sexual.

Construção cultural dos corpos feminino e masculino

O conceito analítico de gênero se refere aos processos sociais, históricos e psicológicos pelos quais se estruturam e produzem a feminilidade e a masculinidade. Gênero, portanto, é uma categoria relacional e plural, pois a relação é entre homens e mulheres, entre homens e entre mulheres, ou seja, entre os gêneros e intra-gêneros³. Nesse sentido, temos que dizer que há muitos modos de ser homem e de ser mulher. Ao tratar o conceito sexo/gênero Núria Pérez de Lara (1996) diz que devemos aprofundar nas análises das relações hierarquizadas e excludentes entre as categorias bipolares masculino/feminino, dentro de um sistema eminentemente androcêntrico, e como tal competitivo, como o sistema escolar. Isto quer dizer que o masculino é apenas um dos modos de ser, de se comportar e interpretar o mundo e não o único.

Tal problemática está presente desde o nascimento, pois adequamos o que é feminino e o que é masculino aos nossos filhos e filhas. Por exemplo: a mãe grávida de menina, quando compra roupas cor de rosa enconraja para a doçura de um lado, enquanto quando espera um menino compra roupas azuis instigando à virilidade. Rosa e azul são cores como outras quaisquer, porém desde que nascemos já aprendemos culturalmente como devemos vestir meninas e meninos. As meninas são ensinadas a preferir a cor rosa, ao mesmo tempo em que os meninos rejeitam-na, pois pode “ferir” sua sexualidade⁴.

Ao enfatizar os exemplos acima, afirmamos que desde o nascimento a família já trata meninos e meninas de modo diferenciado. Ou seja, há uma construção cultural dos corpos masculinos e femininos. A menina desde o nascimento é cercada de muitos cuidados e delicadeza, fato observado inclusive na distinção dos presentes de infância. Enquanto elas ganham bonecas e utensílios domésticos para que, desde pequenas, aprendam os afazeres domésticos “próprios do mundo feminino”; os meninos ganham bolas, espadas, guerreiros, carros, etc. que lhes permitem viver o mundo de modo mais “ativo”, fascinante, com mais possibilidades e mais agressividade.

Esses e outros hábitos corporais masculinos e femininos desenvolvidos ao longo da vida da criança podem tornar um sexo mais hábil do que o outro em termos de práticas corporais. E não é

¹ Professor Adjunto do Departamento de Educação Física – DEF-UFPR

² Professora Adjunto do Departamento de Educação Física -DEF-UFPR

³ Isto quer dizer que, a diferença não é só entre homens e mulheres, mas entre os homens e entre as mulheres.

⁴ O poder sobre a sexualidade se manifesta em todos, pelo autocontrole e pelas punições que são impostas caso não sejam seguidas às normas da sociedade.

porque nascemos homens que seremos habilidosos, inteligentes, não choramos ou porque nascemos mulheres que somos delicadas, não gostamos de praticar esporte, não somos hábeis, não gostamos de matemática, somos choronas, etc. Não é a biologia no sentido de nascer homem ou mulher que determina o que somos enquanto homens e mulheres ou o que podemos chegar a ser ou fazer em termos de práticas corporais. Por exemplo: a maioria dos homens gosta de jogar e/ou assistir futebol, porém esta não é uma verdade para todos os homens. Indagamos, portanto, se todo o homem é agressivo? Os homens não choram? Do mesmo modo, a maioria das mulheres quando praticam esporte é levada a praticar uma atividade que não envolva o contato físico devido à sua “finalidade” social que é a de ser progenitora, porém existem mulheres que gostam e praticam futebol, handebol, dançam, brincam, etc. e podem ser ou não progenitora.

A “finalidade” social da mulher na história da humanidade a incumbiu da função de reprodutora da espécie, contudo isto favoreceu sua subordinação ao homem. Ela foi considerada mais frágil e incapaz para assumir a direção e chefia da família. O homem, associou a idéia de autoridade devido a sua força física e poder de mando dentro da sociedade. Assim, surgiram as sociedades patriarcais, fundadas no poder masculino, do chefe de família. Além disso, o homem também interessou-se pela paternidade devido à posse dos bens e a garantia de herança. Desse modo, a sexualidade da mulher foi sendo submetida aos interesses do homem, tanto no repasse dos bens materiais, através da herança, como na reprodução da sua linhagem. A mulher passou a ser do homem, pertencer-lhe⁵, como forma de perpetuar-se através da descendência. A função da mulher foi restrita ao mundo doméstico, tornando-se desse modo submissa ao homem.

Com isso observamos que com o surgimento da(s) sociedade(s) patriarcal(is) há a instituição de normas de conduta bem distintas para homens e mulheres impôs à mulher sua submissão ao homem. Na sociedade patriarcal a heterossexualidade, ou seja, a relação de casal deve ser entre homens e mulheres, já que as demais formas de sexualidade são oprimidas. Daí, que o patriarcado está fundamentado no paradigma naturalista em que a relação homem/mulher é uma relação social de sexo. Denotando, portanto, uma divisão biológica do trabalho e neste caso a mulher é a categoria dominada.

O que estamos afirmando aos professores e professoras, é que não é o sexo que determina o que cada homem ou mulher deve ser ou fazer, pois se educamos nossos alunos e alunas etiquetando-os/as de acordo com o sexo por aquilo que fazem e/ou se comportam, na realidade estamos estereotipando o ser homem e o ser mulher. Por exemplo: “*isso não fica bem para uma menina*”, “*isso não é comportamento de menino, está parecendo uma menininha*”, “*uma menina não senta com a perna aberta*”, “*menina não brinca com carrinho*”, “*menino não brinca com boneca*”, etc. São exemplos utilizados inconscientemente para justificar as desigualdades entre homens e mulheres, meninos e meninas.

A diferenciação sexual freqüentemente fundamentada na noção de estereótipo de feminilidade e masculinidade perpetua a desigualdade entre os sexos. Jorge Larrosa (1995:328) afirma que: “os estereótipos são os lugares comuns dos discursos, o que todo mundo disse, o que todo mundo sabe. Algo é um estereótipo quando é imediatamente compreendido, quando quase não há o que dizer” O poder dos estereótipos está na evidência de seu convencimento.

Nesse sentido, não podemos esquecer que as etiquetas são incorporadas e difíceis de serem refutadas. Faz-se necessário, portanto, reconhecer as influências patriarcais, sexistas que inconscientemente povoam nosso pensamento e inibem possível transformação social.

Conforme mencionado anteriormente, recordamos que o conceito de gênero é construído socialmente buscando compreender as relações estabelecidas entre os homens e as mulheres, os

⁵ O corpo da mulher no patriarcado pertence ao homem, primeiro ao pai, depois ao marido e na falta destes, ao filho.

papéis⁶ que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles e elas. Assim o gênero rejeita o determinismo biológico, contudo não é negada a biologia, mas é enfatizada a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.

A consciência do gênero pode provocar um problema particular nas aulas de Educação Física, pois é mais difícil envolver os meninos em atividades percebidas como femininas, por exemplo: esulta mais difícil envolver o menino na dança do que a menina no futebol, entre outras atividades. Contudo, ao lidar com a educação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física deveríamos trabalhar com o foco nas relações entre os meninos, entre as meninas e entre meninos e meninas. É importante recordar que nas aulas de Educação Física o enfoque é da educação *dos* sexos e *entre* os sexos e que ambos se reconheçam na diversidade e diferença.

Para Margaret Talbot (1996) deveríamos refletir sobre as atividades apropriadas somente aos meninos e as atividades apropriadas somente às meninas. Para isto, é necessário desafiar os estereótipos de gênero e a noção tradicional das atividades apropriadas a cada um dos sexos. Desafiando, assim, a imagem corporal restritiva e o estereótipo. A Educação Física na escola deve ser ofertada igualmente para as meninas e meninos, sendo destinados recursos iguais para atividades ditas femininas e masculinas. Para tanto é importante ampliar as possibilidades de práticas corporais oferecidas às meninas e aos meninos que objetivem a participação e aprendizagem de todos/as.

No caso do esporte, não podemos esquecer que este pertence ao domínio masculino, é considerado como um ponto central na construção da masculinidade. Segundo Eric Dunning (1992) o desporto continua revestido pelos valores e estruturas predominantemente patriarcais. E como argumenta Whitson citado por Anne Flinntoff (1991) as práticas femininas e masculinas associadas com o corpo são o centro da construção da masculinidade e feminilidade. Daí que a Educação Física joga um importante papel porque trabalha com o corpo. Conforme Le Bretton (2007, p.66)

“As características físicas e morais, as qualidades atribuídas ao sexo, dependem das escolhas culturais e sociais e não de um gráfico natural que fixaria ao homem e à mulher um destino biológico. A condição do homem e da mulher não se inscreve em seu estado corporal, ela é construída socialmente”

Nas aulas de Educação Física tão importante quanto o conteúdo explícito é o conteúdo oculto⁷, pois o corpo e o movimento são eixos fundamentais nessa disciplina escolar. Por exemplo: quando proporcionamos a bola de futebol aos meninos e a de vôlei às meninas, não estamos dizendo que futebol é atividade para meninos e vôlei uma atividade para as meninas, mas é isso que alunos e alunas vão aprender dessa prática. No exemplo em questão estamos estereotipando as atividades e/ou os espaços e/ou momentos de prática.

Le Breton (2006) vai afirmar que a interpretação que o social faz da diferença dos sexos orienta as maneiras de criar e educar a criança segundo o papel estereotipado que dela se espera. No entanto, o próprio autor adverte que essa condição deve ser revista. Pois:

“Parece, no entanto, que as atitudes mudaram, mesmo que os estereótipos continuem a exercer sua fascinação, por exemplo, na publicidade. Seria necessário a esse respeito avançar os estudos contemporâneos para verificar as incidências do movimento feminista sobre as atitudes e as representações atuais”⁸.

⁶ Papéis são padrões ou regras arbitrarias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar. Ver Guacira Lopes Louro (1997 p.24).

⁷ O que está implícito e ao mesmo tempo é ignorado porque não está especificado no currículo formal.

⁸ Le Breton, Sociologia do Corpo. 2006. p. 67.

Na verdade nas representações ainda há uma relação subalterna da mulher em relação ao homem⁹. No campo das ações da educação física, são as oportunidades e possibilidades de aprender e ou vivenciar as diferentes práticas corporais que influenciarão a participação dos diferentes sexos na escola. Daí que os professores e professoras podem fazer a diferença na vida das meninas e meninos, pois experiências anteriores em diferentes práticas corporais pode influenciar na participação na escola de modo positivo ou negativo; afinal a escola representa oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento.

Neste sentido, lançamos algumas perguntas para que professores e professoras reflitam sobre a escola mista e aulas de Educação Física mista: a) A escola mista é uma instituição que proporciona a equidade, ou seja, um equilíbrio na participação, entre meninos e meninas? A escola mista proporciona a dupla socialização, ou seja, meninos são educados com meninas e meninas são educadas com meninos? Existe a educação *dos sexos* e *entre os sexos*? b) A presença massiva de mulheres, tanto na condição de professoras ou alunas, na escola tem em conta a necessidade de ambos os sexos? As professoras entendem as necessidades das meninas? As professoras potencializam a aprendizagem das meninas ou estas são homologadas ao modelo masculino? c) Como professores e professoras enfrentam os problemas de gênero/sexualidade nas aulas de Educação Física? Professores e professoras enfrentam/combatem os estereótipos de gênero? Orientam, educam no sentido de discutir e analisar o processo de desenvolvimento sexual de meninas e meninos? d) Como lidar com a exposição corporal, diferentes níveis de habilidade e interesses, etc. que emergem na prática pedagógica nas aulas de Educação Física? Como professores e professoras lidam com as diferenças de habilidades entre meninos e meninas? Aqui no caso há que perguntar também pelos meninos que não correspondem ao modelo do mais forte, habilidoso, etc.

Aulas de Educação Física mista

As aulas de Educação Física, na maioria das escolas são mistas, porém no momento da execução, de um modo geral, são separadas por sexo, ou seja, primeiro jogam as meninas e depois os meninos. Professores e professoras procedem de tal modo, pois acreditam que os meninos são mais capazes, dispostos e agressivos. Trabalhar com a turma mista não quer dizer que todos e todas devam fazer à mesma atividade e ao mesmo tempo. É necessário habilitar meninos e meninas na habilidade em questão para que possam aprender e desenvolver-se. Além disso, a aula de Educação Física é um momento de convivência entre os sexos, nesse sentido é importante que alunos e alunas sejam conscientizados de suas ações pejorativas, maliciosas, agressivas, etc.

Nas aulas de Educação Física mista observamos que meninos e meninas não são tratados com equidade, pois enquanto as alunas são mais passivas, os meninos são ativos:

Elas têm pouca ou nula participação nos esportes, enquanto eles atuam massivamente nas atividades esportivas. Enquanto elas ocupam os espaços laterais da quadra realizando atividades de dança, ginástica, brincadeiras, os meninos ocupam a quadra central por mais tempo com exercícios físicos mais ativos e esportes competitivos. Neste sentido a utilização do modelo androcêntrico na educação física inibe qualidades e possibilidades corporais enquanto reforça qualidades e capacidades dos “mais capazes”. Quando partimos do atual modelo esportivo, como único ponto de referência nas aulas de Educação Física, o que se tem do imaginário é que a prática corporal nas aulas de Educação Física é confundida com o modelo esportivo. Sendo assim chega-se as seguintes

⁹ Ver de maneira mais abrangente Erving Goffmann. La ritualisation de la féminité. *Les moments et leurs hommes*. Paris: Seuil-Minuit, 1988, p.185.

conclusões: as meninas não participam das atividades nas aulas, não sabem jogar futebol, são lentas, não se movimentam etc. No entanto, não são só as meninas que levam desvantagem; os meninos que não correspondem ao modelo do forte, habilidoso, etc., também se inibem. Diante deste dilema, surge a alternativa de igualar as meninas aos meninos. Será que é possível igualá-los?

De um modo geral, professores e professoras atendem ao pedido dos meninos, pois são mais agitados e, acomodam as meninas no futebol atuando como figurantes. Contudo, não podemos esquecer que, de um modo geral, os meninos são criados com mais “liberdade” e as meninas são criadas com excessos de cuidados. Partindo do referencial da “igualdade” podemos dizer que são as meninas que devem modificar seu comportamento e deste modo professores e professoras planejam sua prática para alcançar a “igualdade entre os sexos”. Porém, não é difícil descobrir que esta alternativa está neutralizando e inibindo as capacidades e potencialidades das meninas, basta observar atentamente como estas participam, já que renunciam aos valores e comportamentos femininos para adaptá-los a uma atividade que não está sendo enfocada prioritariamente ao seu desenvolvimento. Já que estas, de um modo geral, não foram incentivadas à prática do futebol.

Para que as meninas e meninos que não sabem jogar participem e sejam atuantes no jogo do futebol devem aprender a chutar, driblar, finalizar, passar, etc. Aqui não basta fazer uma concessão às meninas que não sabem no seguinte sentido: “Só vale gol de menina” se elas não sabem chutar, driblar, finalizar, etc. Como farão gols? Somente com muita sorte. “Jogar futebol de mãos dadas”, porém se as meninas não sabem jogar, podem ser arrastadas ou correr de cá para lá sem efetivamente jogar. Esse exemplo pode ser utilizado na prática como uma possibilidade de contato físico com o outro sexo, mas não como uma prática equitativa. “Devem passar a bola pelos pés das meninas “n” vezes” – se não sabem chutar serão ridicularizadas e não se sentirão estimuladas a continuar na atividade. Pois, para participar é necessário aprender, e para aprender o movimento devemos propiciar o espaço das aulas para que envolva a repetição dos movimentos: chute, drible, passe, etc. se esse for nosso objetivo.

Contudo, é importante ter em mente que a cultura esportiva masculina ou do mundo de vida masculino não é o único ponto de referência para as aulas de Educação Física. A educação é para ambos os sexos, feminino e masculino, e nesse aspecto é essencial que professores e professoras reconheçam que a cultura desenvolvida pelas mulheres possui valores, critérios e formas de vida positivas, a partir dos quais podemos realizar as diferentes práticas corporais nas aulas de Educação Física. Atente que, quando trabalhamos o conteúdo esportivo no sentido das regras estritas do esporte, número de participantes, seleção dos melhores, eficiência, eficácia, promovemos a exclusão de meninos e meninas e, estamos trabalhando com o *esporte na escola*. É importante rever quais os objetivos da Educação Física na escola e nesse sentido enfatizamos que o esporte é um dos conteúdos a ser trabalhado nas aulas, porém não o único e há que trabalhar o *esporte da escola* que trata de modificar as regras refletindo sobre as diferentes possibilidades de atuação de meninos e meninas nas aulas.

Os conteúdos tais como jogos, brincadeiras, esportes com modificação de regras, lutas, atividades expressivas, ginástica podem possibilitar a participação de todos e todas. Tendo presente essa variável, haverá a chance de alunos e alunas obterem possibilidades dos conteúdos que lhes garantam vivências mais ampliadas nas práticas corporais. Daí que não são as meninas que devem mudar no sentido de ser comparadas sempre com os meninos e o modelo masculino, mas a oferta, o modo de proporcionar as práticas corporais diferenciadas nas aulas de Educação Física e propostas com referentes femininos e masculinos na devida parcialidade.

Conflitos entre meninos e meninas seguramente surgirão nas aulas de Educação Física. É importante, por isso, que os/as docentes proporcionem suporte pedagógico para auxiliar as meninas

a enfrentar o problema do sexismo através do diálogo, inclusive tomando iniciativas individuais e coletivas. Sendo assim, para trabalhar nas aulas de Educação Física com ambos os sexos, um dos objetivos da Educação Física na escola deve ser o de formar o menino e a menina não como um ser saudável e hábil na vivência de seu corpo e na execução de movimentos, mas como um ser estético, social, ético e político.

Destarte, a Educação Física trabalha com o corpo que faz referência ao corpóreo, que se vincula à corporeidade e que vai além do mero *ser-no-mundo*. A leitura da corporeidade implica a compreensão da existência de alteridade¹⁰. Nossa responsabilidade, portanto, é pensar a própria relação corporal com a sociedade, a minha relação com o *outro*¹¹, por exemplo, a mulher é o outro do homem tendo o homem como modelo de referência, e aprofundar na visão moral e ética da ordem social.

Contudo, é imprescindível aceitar o *outro* como radicalmente *outro*, o *outro* que não é igual; por exemplo: a mulher não é igual ao homem; que não é complementar, que não é inferior, que não é algo indiferente, que não é desigual, mas sim diferente. O *outro* é para nós, resistência e abertura, pois o outro é aquele que não sou *eu*, ou *nós*.

Enfim, a relação que o *eu* estabelece com o *outro* é significativa na medida em que as pessoas que intervêm na interação orientem reciprocamente suas ações, sendo a intersubjetividade simbólica um elemento básico na ação social. Na vida cotidiana, o sentido das ações surge nas interações com os demais, já que ação implica interação. E como consequência das relações cada um de não é passivamente socializado e sim ator/a de seu próprio drama e própria construção.

Diante disso, a ação social é ação significativa, é chamada ao sentido, e todo sentido requer consciência do *ser/estar* no mundo das relações. No caso da Educação Física a relação fundamental é a do sujeito em ação; é a busca do significado e do sentido da ação corporal: o menino, a menina, o homem, a mulher, as pessoas com deficiência, enfim todos e todas, e cada um de nós. O sujeito em relação é o elemento fundamental na ação e não a tarefa motora¹². A tarefa motora só adquire significado e sentido para o sujeito na ação de conhecer.

Para ultrapassar a questão do privilégio da atividade motora em detrimento do sujeito e da técnica com o fim em si mesmo, como docentes necessitamos lançar mão de novas metodologias, de uma nova relação com o conhecimento e de uma revisão dos conteúdos que concretizem as tarefas mais complexas tanto para as professoras/es como para as alunas/os.

Assim, centrar-se nas análises do que constitui a prática é uma forma operativa para remover e melhorar os nossos esquemas de atuação. Este é um caminho para analisar e criticar depois os esquemas teóricos que apóiam a prática. Esquemas teóricos e práticos que se relacionam entre si.

Escola mista e co-educação

A crítica ao modelo de escola mista é fundamental para que os professores e professoras implantem a dupla socialização em suas aulas. Nesse sentido, a escola mista é um meio imprescindível para que haja co-educação, ou seja, a dupla socialização. Mas, para que a co-

¹⁰ Albert Jacquard e Planès Huguett (1998:02) acreditam na necessidade da relação com o outro não apenas para ser feliz, mas principalmente para tornar consciente. “*Eu sou os vínculos que vou tecendo com os outros.*”

¹¹ O outro é aquele e aquela que está fora do modelo do homem, branco, heterossexual, classe média, habilidoso, etc.

¹² A repetição do ato motor na aprendizagem dos movimentos, numa visão comportamentalista, implica na consideração do tipo de tarefa motora executada (aberta ou fechada), feedback, método parcial, global ou misto, memória, etc. Mas, o fundamental da aprendizagem é compreender que alunos e alunas têm vivências e ritmos de aprendizagem diferenciados e no ensino é essencial compreender que as atividades devem ser adaptadas aos alunos/as de modo que eles/elas signifiquem a aprendizagem.

educação se efetive é necessário reconhecer que as meninas são predominantemente discriminadas no modelo masculino, mas os meninos que não correspondem ao modelo do sexo forte também são discriminados. Tais aspectos são fundamentais para compreender que as dificuldades de aprendizagem acontecem com as meninas tanto quanto com os meninos.

Disso decorre que a instituição escolar reproduz o modelo social, portanto, a escola mista é androcêntrica, na linguagem, no conteúdo, didática, livro texto, etc. De acordo com esse referencial professores e professoras levam em consideração apenas as diferenças biológicas, sem considerar as influências sócio-culturais, as quais nós homens e mulheres estamos sujeitos. Contudo, se faz necessário entender que os meninos e as meninas são socializados tanto no âmbito educativo quanto fora dele, analisando aspectos biológicos conjuntamente com os sociais.

A escola co-educativa é um processo intencional através do qual se potencia o desenvolvimento de meninas, meninos, mulheres e homens partindo da realidade de dois sexos distintos para um desenvolvimento pessoal e uma construção social de modo comum e não enfrentado¹³.

Na escola co-educativa há a coexistência de atitudes e valores tradicionalmente considerados como de homens e de mulheres de modo que possam ser aceitos e assumidos por pessoas de ambos os sexos. Tal proposta vai encaminhada ao desenvolvimento da personalidade sem a barreira do gênero, corrigindo o sexismo cultural e ideológico e a desigualdade entre homens e mulheres. Nessa perspectiva não se nega traços próprios do masculino ou do feminino, mas trata de desvelar os componentes sociais, antropológicos, históricos, etc. para levá-los em consideração, mas não para sua aprendizagem de modo dogmático.

Tal proposta supõe uma educação integradora que não oculta o mundo e as experiências femininas. Questiona as formas dominantes do conhecimento social, supõe e exige atenção à afetividade e a sexualidade feminina e masculina. Assim a escola co-educativa considera três aspectos fundamentais: a) igualdade de oportunidades que não é sinônimo de igualdade de acesso, pois para que as meninas e os meninos tenham a igualdade de oportunidades é necessário antes de tudo que eles e elas tenham a possibilidade de escolher as práticas corporais; b) a diversidade - entende que as meninas e os meninos não são iguais e valoriza cada um enquanto ser único promovendo a existência a partir da diferença, ou seja, a partir do seu reconhecimento e; c) a equidade, que tem como objetivo o respeito às características únicas de alunos e alunas, acreditando que as regras, os métodos e conteúdos não atendem às necessidades de todos e todas. Temos que buscar perceber as qualidades das experiências vividas por meninos e meninas.

Para que isto aconteça nas aulas, é importante chamar as alunas e alunos pelo nome e proporcionar apoio quando necessário. Propor um conhecimento que não seja exclusivamente neutro ou masculino, para que sirva de referência ao seu futuro, na sua devida parcialidade. Para que alunos e alunas experimentem a educação *dos sexos e entre os sexos*. Essa proposta está relacionada ao âmbito educativo, já que pretende mudar as estruturas e concepções sociais que mantém a situação de discriminação de meninas e mulheres, meninos e homens que não correspondem ao modelo. E, então como começamos a co-educar?

- Oferecendo as meninas e aos meninos os mesmos brinquedos e atividades, sejam esportivas ou não;
- Convidando-os/as a investigar novos papéis e situações, incentivando-os/as a brincar de casinha e de bola, a fantasiar-se. A pintar e a dançar, etc.
- Ajudando-os/as a que expressem sentimentos: sorrir, chorar, revoltar-se, etc.
- Evitar as frases: “isso não é coisa de menino” ou “meninas não falam assim”

¹³ Não é uma guerra entre os sexos feminino e masculino.

- Tentar falar com os meninos e as meninas no mesmo tom de voz, utilizando expressões parecidas, pois ambos necessitam atenção, carinho, ternura e proteção.
- Evitar utilizar diminutivos, infantilismos ao dirigir-se aos meninos e as meninas.
- Animar as meninas nas atividades propostas para que joguem com os meninos e as meninas e vice e versa.

Como reflexão final é nosso dever como docentes superar tanto as reticências por parte das alunas como dos alunos, professoras e professores, porém é essencial desvelar as discriminações as quais sofrem as mulheres com as atitudes sexistas, indiferentes, compensatórias, marginais e, de igualdade, que ocultam as desigualdades entre os sexos. Lembrando que educar é um processo de conversação onde aprendemos a reconhecer as diferentes vozes, a nossa e a das alunas/os, e desta forma, definimos e redefinimos nossa tarefa. Uma vez que as/os docentes implementarem imagens positivas sobre as mulheres, permitirão que estas participem e aprendam as atividades propostas para que se tornem sujeitos de aprendizagem.

Referências bibliográficas

Dunning, Eric. El Deporte como Coto Masculino: Notas sobre las fuentes de la identidad masculina y sus transformaciones. In: Elias, Norbert e Dunning, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, p.323-342, 1992.

Flintoff, Anne. Dance, Masculinity and Teacher Education. *The British Journal of Physical Education*, 22(4), p.31-35, 1991.

Jacquard, Albert; Huguett, Planès. *Filosofia para não filósofos. Respostas claras e lúcidas para questões essenciais*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

Larrosa, Jorge. Tecnologías del Yo y Educación: Notas sobre la construcción y la mediación pedagógica de la experiencia de sí. In: Larrosa, Jorge (Ed.). *Escuela, Poder y Subjetivación*. Madrid: La Piqueta, p.257-329, 1995.

Le Breton, David. *A sociologia do corpo*. Trad. Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis- RJ: Vozes, 2006.
Louro, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

Moreno, Montserrat. *Como se ensina a ser menina na escola*. Barcelona: Icaria, 1999.

Pérez de Lara, Núria. Feminismo, multiculturalismo y Educación Especial. *Cuadernos de Pedagogía* nº 253, p.86-91, 1996.

Talbot, Margaret. Gender and National Curriculum Physical Education. *The British Journal of Physical Education*, 27(1), p.05-07, 1996.